

Newton anuncia novo ministro após encontro com Sarney

Da Sucursal de Brasília

O governador de Minas, Newton Cardoso, anunciou ontem, às 20h05, após encontro de cerca de uma hora com o presidente José Sarney, no Palácio da Alvorada, o nome do novo ministro da Secretaria de Planejamento (Seplan): João Batista de Abreu, atual secretário da Fazenda do governo mineiro. A posse do novo ministro da Seplan será na segunda-feira, Newton disse, na saída do Palácio, que João Batista de Abreu ainda não tinha sido avisado de sua nomeação.

Meia hora depois do anúncio de Newton, o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, telefonou ao comitê de imprensa do Palácio do Planalto confirmando a escolha. "Foi uma escolha pessoal do presidente", disse Costa Couto pelo telefone, acrescentando que Sarney "conhece o novo ministro há muito tempo" e que "pediu autorização ao governador para convidar seu secretário".

Newton também sustentou a versão de Costa Couto, de que a escolha de João Batista de Abreu foi pessoal de Sarney e não uma imposição política do governador de Minas. "A nomeação não é política e quem saiu prejudicado fui eu", disse Newton. Mas, durante a entrevista, Newton acabou se contradizendo. Segundo o governador, "o João Abreu é muito competente e trata-se de um técnico. A Seplan precisa de um técnico. Repito que o cargo é de Minas e ele foi dado a mim não por apoiar o mandato do presidente em cinco anos".



O governador Newton Cardoso (ao lado); acima, João Batista de Abreu, a época assessor de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda.

As 19h, Newton Cardoso chegou ao Palácio do Alvorada para conversar com Sarney sobre a substituição de Anibal Teixeira. Levava sua preferência pelo nome de Abreu e mais uma frase, que confidenciou à Folha minutos antes de seguir para o

encontro com Sarney: "Tem que ser de Minas". Cinco minutos depois da entrada de Newton Cardoso, chegaram Sarney, seu filho, o deputado federal José Sarney Filho (PFL-MA), e o secretário particular do presidente, Jorge Murad.

Newton Cardoso chegou a Brasília por volta de 16h30. Do aeroporto, seguiu direto para o Carlton Hotel, onde conversou com a reportagem da Folha. Mostrava-se cauteloso: "Esse negócio de nomear ministros é com o presidente." "Mas nesse caso do

Planejamento, tem que ser um mineiro. É uma simples questão de reposição", acrescentou, referindo-se ao fato de que o ministro demissionário, Anibal Teixeira, nasceu em Minas Gerais e tem sua base política neste Estado. Por "questões de

cortesia" negou-se a revelar os nomes que levava no bolso, como "opções" para o Planejamento.

Depois do encontro com Sarney, Newton afirmou que não haverá nenhuma mudança na estrutura da Seplan e que o novo ministro indicará o secretário-geral da Seplan. "e não o presidente Sarney", como aconteceu com Anibal Teixeira, que foi obrigado a aceitar a nomeação de Michal Gartenkraut, indicado por Murad para o cargo. Sobre a saída de Anibal Teixeira, o governador de Minas afirmou que "ele saiu por se sentir caluniado. Se ele quiser concorrer à Prefeitura de Minas (sic), terá o meu apoio", acrescentando em seguida, porém, que seu apoio ao nome de Teixeira para a Prefeitura de Belo Horizonte está condicionado à indicação "de seu nome pela convenção do partido".

Corrupção

Os indícios de que Abreu seria escolhido para substituir Teixeira já haviam transpirado ainda antes do encontro entre Newton e Sarney. As 18h, em entrevista coletiva no Palácio do Planalto, Costa Couto havia afirmado que o novo ministro seria "um técnico" e que "os mineiros estão geograficamente em vantagem" (para fazer a indicação do novo titular da Seplan).

Na entrevista, Costa Couto disse também que não existe prazo para o encerramento das investigações da Polícia Federal e do SNI sobre as denúncias de corrupção na Seplan. "Não é fácil descobrir corrupção feita por gente qualificada e competente", afirmou Costa Couto.

Quem é João Batista de Abreu

João Batista de Abreu, o novo ministro do Planejamento, tem experiência técnica e administrativa. Antes de ocupar a Secretaria Estadual de Finanças de Minas, foi secretário-geral do Ministério da Fazenda na gestão de Dilsen Funaro (1985-87), secretário de Assuntos Econômicos na gestão de Francisco

Dornelles (1985) e chefe da assessoria técnica de Delfim Netto no tempo em que este foi ministro do Planejamento (governo Figueiredo).

Sua carreira guarda semelhanças com a de outro burocrata de carreira, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

'Cincoanismo' do governador acaba ganhando a nomeação

JORGE CALDEIRA
Do Reportagem Local

Um ministro de Minas Gerais. A definição do Estado do ministro antes do anúncio do nome diz bem como está sendo o processo de sucessão de Anibal Teixeira no Ministério do Planejamento. João Batista de Abreu, secretário de Finanças de Minas Gerais, acabou sendo indicado ontem ministro do Planejamento em função desse processo de escolha. A definição do nome do sucessor se deu principalmente em função do comportamento dos governadores de São Paulo e Minas Gerais em relação à mudança no ministério, que acabou favorecendo Newton Cardoso.

Antes da demissão de Anibal havia no Planalto o desenho do perfil do sucessor, que deveria ser um técnico competente que se afinasse com o atual ministro Mailson da Nóbrega e, ao mesmo tempo, fosse da confiança pessoal do presidente. Mailson já havia inclusive declarado que a gestão da economia só iria bem se houvesse afinidade entre os ministros da Fazenda e do Planejamento.

O nome mais cotado no Planalto era o de Andrea Calabi, secretário do Tesouro, tido como um técnico competente e afinado com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e também com o presidente Sarney. A indicação de Calabi era vista como uma boa solução para o presidente e também como uma ponte para uma maior aproximação com o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, ainda não totalmente definido no apoio de um mandato de cinco anos para Sarney. Mas a viabilização de seu nome dependeria do apoio que lhe prestasse o governador.

Successão rápida

A saída de Anibal Teixeira do Ministério do Planejamento foi uma operação complicada. Embora já há algum tempo circulassem rumores de corrupção no ministério e o comportamento de Anibal com relação ao orçamento fosse duramente criticado, a ponto de o presidente Sarney ter incluído no pacote fiscal o congelamento das verbas destinadas à Seplan, Anibal resolveu reagir. Seu objetivo era o de levar consigo o secretário-geral do ministério, Michal Gartenkraut, indicado por Jorge

Murad, genro do presidente, contra sua vontade.

Anteontem, Gartenkraut entregou ao presidente Sarney sua carta de demissão. Tratava-se de uma forma educada de permitir uma composição, com Anibal saindo sem brigas maiores com o governo. O pedido foi aceite. A idéia inicial do Planalto era a de realizar uma sucessão rápida e sem maiores traumas para o presidente, e o objetivo foi atingido.

Mudança de nome

O candidato do Planalto foi mudado no correr da operação, porque o governador Orestes Quêrcia decidiu não ter o compromisso formal de indicar o sucessor. Numa entrevista coletiva que concedeu ontem no Palácio dos Bandeirantes, o governador de São Paulo disse que Calabi era um bom nome para o ministério. Mas disse também que não tinha sido consultado nem iria pedir a Sarney que nomeasse o secretário do Tesouro. Morreu aí o nome de Andrea Calabi. Sem apoio explícito do governador, não havia como prosperar sua indicação.

Já Newton Cardoso resolveu brigar pela vaga, apoiando a indicação de um nome de Minas Gerais. Ele encontrou o perfil do novo ministro previamente traçado em função da própria estrutura do ministério, que exige certas qualificações do ocupante do cargo. O Ministério do Planejamento tem hoje basicamente duas áreas: uma técnica, onde se fazem os planos de longo prazo da economia, e outra nitidamente política, onde se distribuem verbas a fundo perdido para Estados e municípios, nos chamados programas sociais, que é importante para o próprio presidente na luta pelo mandato de cinco anos.

Idealmente, o ocupante do cargo tem que ter competência técnica e política. Não havendo essa soma, a solução tradicional é nomear um ministro com uma delas e compor a equipe para suprir a outra. Foi o que se tentou sem sucesso com a dupla Anibal Teixeira, de perfil político, e Michal Gartenkraut, um técnico. Anibal isolou completamente seu secretário-geral, que não participava de nenhuma reunião importante e fazia oposição ao ministro dentro do ministério.

Scalco garante as assinaturas para convocação do Diretório

Do Sucursal de Brasília

A revelia do deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB e do Congresso constituinte, o deputado Euclides Scalco (PMDB-PR) garantiu a conclusão para hoje da coleta das 41 assinaturas necessárias para a convocação extraordinária do Diretório Nacional do partido. Scalco quer uma definição do partido sobre um possível rompimento com o governo do presidente Sarney.

O último telegrama de apoio à convocação deve chegar nesta manhã, completando os 41 nomes (um terço mais um dos membros do Diretório). Scalco já aceita a possibilidade de negociar a data da reunião do Diretório.

Pela proposta contida na convocação, o Diretório se reuniria no próximo dia 3 de fevereiro. Além de discutir a saída do governo, com a devolução dos cargos de confiança, os peemedebistas estabeleceriam o programa de campanha do candidato do partido à sucessão presidencial. A

escolha do candidato também seria deflagrada.

Os "históricos" do PMDB vem afirmando que Ulysses está trabalhando, junto com os governadores estaduais, pelo adiamento da reunião ou, se a data for confirmada, pelo seu esvaziamento. A Folha apurou que esse será um dos assuntos a ser tratado por Ulysses com os governadores Álvaro Dias (Paraná), Pedro Ivo (Santa Catarina) e Pedro Simon (Rio Grande do Sul), durante a viagem que Ulysses fará hoje aos três Estados.

Ulysses também vai conversar sobre a substituição do 3º vice-presidente do PMDB. O senador Afonso Camargo (PR), que ocupava o posto, saiu do partido, ingressando no PTB. Os "históricos" vem defendendo o nome do senador José Richa (PMDB-PR) para o cargo.

A importância do 3º vice no caso peemedebista é grande, pois o presidente do partido acumula a presidência da Câmara e do Congresso constituinte, e dedica-se mais aos trabalhos congressuais que à presidência do partido.

FORTE ANO NOVO.

Este ano o Banespa já começa com toda força. Impulsionado pelos excelentes resultados do exercício passado, o Banespa está se modernizando, criando novos produtos, abrindo linhas de crédito, ampliando sua rede de agências, dando ainda mais força aos seus clientes.

Esta é a missão de um banco que soma sua consciência social ao tino comercial. Orienta, acompanha e incentiva seus clientes em todas as áreas de atividades. E dá lucro.

O Banespa agradece a confiança de todos os seus clientes. E honra essa confiança com os números aí ao lado.

Esta é a resposta do banco forte do Estado de São Paulo aos desafios de hoje.

O BANCO FORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.

espa